

UM RETORNO À SOLIDEZ PARA A PROJEÇÃO DE UM NOVO FUTURO

DOI: 10.5935/2177-6644.20180009

A RETURN TO SOLIDITY
FOR THE PROJECTION
OF A NEW FUTURE

UN REGRESO A LA
SOLIDEZ PARA LA
PROYECCIÓN DE UN
NUEVO FUTURO

Debora da Costa Pereira*

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Tradução: Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Zygmunt Bauman (1925 – 2017), sociólogo e filósofo, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia, nasceu em Poznań, na Polônia, em 19 de novembro de 1925, em uma família de judeus não praticantes. Durante a II Guerra Mundial, serviu a divisão polonesa do Exército Vermelho, atuando como instrutor político. Ainda nesse período, Bauman ingressou no Partido Operário Unificado Polaco, o partido comunista da Polônia. Após a Guerra, cursou Sociologia na Academia de Política e Ciências Sociais de Varsóvia. Influenciado por autores como Karl Marx, Theodor Adorno, Jacques Derrida, Antonio Gramsci e Georg Simmel, Bauman passou a ter grande repercussão no Brasil a partir da tradução de suas primeiras obras na década de 1990, em que a questão central era a pós-modernidade. Dos mais de quarenta livros publicados no Brasil, com destaque para *Modernidade e Holocausto* (1998), *Globalização: As Conseqüências Humanas* (1999), *Modernidade Líquida* (2001) e *Amor Líquido* (2004), o autor tratou de reflexões sobre a sociedade a partir de uma noção de

* Graduada em Letras pela UNIVALE – Faculdades Integradas do Vale do Ivaí e especialista em Gestão Pública pela Faculdade São Braz. Servidora Pública do Instituto Federal do Paraná - IFPR/Ivaiporã. E-mail: debora.pereira@ifpr.edu.br

liquidez, ou da fluidez do líquido, na contemporaneidade. Bauman faleceu, aos 92 anos, na Inglaterra, em janeiro de 2017.

Partindo de uma perspectiva pós-moderna, especialmente pela concepção de “Modernidade Líquida”, Bauman procura explicar como se processam as relações sociais na atualidade. O autor apresenta as incertezas do mundo líquido que fazem com que os homens, incertos quanto ao futuro das sociedades, apoiem suas esperanças no presente, no imediatismo, no consumismo e no indivíduo. Nesse contexto, que Bauman chama de “período de interregno”, no qual a humanidade se encontra perdida, sem rumos definidos a serem seguidos, já não se acredita mais que o ser humano possa construir uma sociedade diferente.

Em meio a esse contexto social em que o futuro, antes idealizado, agora desacreditado, “Retrotopia”, último livro de Zygmunt Bauman, publicado originalmente em 2017, traduzido e publicado no Brasil no mesmo ano, vem apresentar as decepções e os medos com que nos deparamos hoje, e, por conseguinte, a busca por um mundo melhor, busca essa não mais calcada num futuro utópico, mas sim, com base no passado, no já conhecido. O surgimento de Retrotopia é atribuído ao distanciamento cada vez maior entre poder e política, o que fez com que os Estados-nação não conseguissem mais administrar a sociedade, não garantindo o cumprimento das promessas de um futuro idealizado. Recuando no tempo e recorrendo à noção de utopia de Thomas More, e outros vários exemplos, até os dias atuais, Bauman define Retrotopia como “um derivativo do já mencionado segundo grau da negação – a negação da negação da utopia” (p.13), ou seja, a negação da distopia.

Com toda descrença e decepção nesse futuro idealizado, que hoje é um eterno presente, com problemas e sem soluções, surge a “epidemia global de nostalgia”, que se caracteriza como um desejo por uma comunidade com uma memória coletiva. Esse anseio requer um retorno de valorização aos vínculos afetivos em detrimento do pensamento crítico, da racionalidade, do individualismo, presentes nesse mundo fragmentado.

Passado, presente e futuro estão muito presentes em Retrotopia. De acordo com o autor, no decorrer da história os ideais e visões vão se alternando de maneira paradoxal, isto é, o que era crédito vira débito, progresso vira retrocesso, utopia vira pesadelo... Para Bauman, o objetivo de sua obra é:

Eu pretendo dar sequência a esse breve esboço dos meandros mais notáveis da história pós-More de quinhentos anos da utopia moderna com um exercício que busca deslindar, retratar e registrar algumas das mais notáveis tendências “de volta para o futuro” no seio da fase “retrotopista” ora emergente na história da utopia – em particular a reabilitação do modelo tribal de comunidade; o retorno ao conceito de um eu primordial/prístico predeterminado por fatores não culturais e imunes à cultura; e a retratação como um todo da percepção hoje vigente (dominante tanto nas ciências sociais quanto entre as opiniões populares) das características essenciais, presumivelmente não negociáveis e *sine quibus non* da “ordem civilizada” (p. 14).

Todos os capítulos do livro começam com a expressão: “De volta a/ao/às/à”, isso deixa clara a intenção do autor em fazer uma busca de elementos no passado – no que já conhecemos – que nos deem uma perspectiva de futuro melhor. A obra é dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo: “De volta a Hobbes?”, é feita uma comparação do *Leviatã* ao nosso modelo atual de sociedade. O que se vê, ao contrário do *Leviatã*, é um mundo no qual o Estado perdeu sua capacidade e legitimidade de domínio unificado, onde as fronteiras já não existem mais e os processos de globalização caminham em ritmo acelerado, propiciando a criação de pequenos modelos de *Leviatãs* interdependentes entre si. Não há mais o poder do estado sobre o território, o território já não é mais sinônimo de poder. Bauman salienta que essa “emancipação do poder em relação ao território é o mais pesado dos golpes que o processo ‘inconcluso’ de globalização desfechou contra a função permanente” (p. 26), no caso, o Estado.

As comunidades virtuais, “imitam” as comunidades tradicionais, porém, com algo inovador: propiciam aos indivíduos uma sensação de independência e liberdade, sentimento de pertença a uma comunidade e seu destaque individual nela, uma vez que seus participantes não são escolhidos pela comunidade e sim o inverso, o poder passa a ser do indivíduo, tanto das escolhas quanto das tomadas de decisão. Mas essa independência também promove o individualismo e este, por sua vez, o consumismo. Os produtos não servem mais para atender a uma demanda, mas sim, para criá-la e sustentá-la. Cada indivíduo enxerga o outro como concorrente, fator que promove a agressividade que o processo civilizatório não conseguiu extinguir do ser humano.

No segundo capítulo: “De volta às tribos”, destaca-se a formação social moderna que segurou para si a máxima da identidade tribal, “locais contra estranhos”. “Vizinhanças mais amplas” é o termo usado por Bauman para descrever a atual situação em que se encontram os Estados, associando-os aos modelos tribais, nos quais, “o

propósito da tribo é determinar quem apoiar e quem matar” (p. 52). Nesse cenário, o ódio, a intolerância dos indivíduos pertencentes a uma comunidade com relação aos demais não pertencentes a ela, os aspectos culturais, sociais e econômicos, são fatores que determinam a superioridade/inferioridade entre o “nós e eles”. Nesse modelo de sociedade, o medo de um futuro fracassado e a concorrência entre os indivíduos são constantes.

Diante do divórcio entre política e poder, bem como, da “desterritorialização” causada pela globalização na sociedade moderna, a política passa a ser transferida para um espaço de memória coletiva, desencadeando um processo de “política da memória histórica” que tem por objetivo a principal aspiração do nacionalismo: dar à nação a soberania de um território demarcado, unindo novamente poder e política.

No terceiro capítulo: “De volta à desigualdade”, a divisão de classes e o aumento da desigualdade social são fatores que ganham destaque no atual contexto social de fragmentação e individualização – no qual empatia e solidariedade são temas cada vez mais escassos – à medida que a relação “capital x trabalho” deixa de representar uma interdependência entre si e o primeiro passa a prevalecer sobre o segundo. Cabe então ao Estado corrigir essa questão social. Uma solução seria a implantação da renda básica universal, uma política social que vai ao encontro dos direitos humanos, que preza pela distribuição igualitária de renda para cada indivíduo, sem os condicionantes de renda extra e inserção no mercado de trabalho, diferente da política do bem-estar social praticada atualmente, com propósito fracassado de dissipar a desigualdade, que é embasada nas famílias e na renda, de maneira a humilhar seus beneficiários, por simplesmente receber algo de direito.

No quarto capítulo: “De volta ao útero”, em meio a toda disputa que há entre os indivíduos nesse modelo tribal de sociedade, no qual a esperança na coletividade diminui ao passo que o individualismo aumenta, uma nova busca por abrigo se inicia, dessa vez de volta para o “eu”. A humanidade encontra-se agora composta por “homens psicológicos”, que são resultados do individualismo burguês, no qual consumir é garantir um status e alienar-se, a exemplo do narcisismo moderno. Estes homens por sua vez, só entendem a sociedade do agora e do para si, não levando em consideração seus precedentes nem seus descendentes. Enquanto uns buscam um recomeço, outros tendem a voltar ao passado.

Uma dúvida paira no ar, pois as questões sociais e psicológicas se misturam, não sendo possível separá-las para saber de que maneira tratar os problemas. Mais uma vez as promessas feitas não conseguiram se sustentar. O crescimento da internet, que prometia expansão de mundo aos indivíduos, o fez virtualmente diminuindo seu espaço real. O medo do futuro, dentro de todas as suas incertezas, persiste, parecendo ser “um beco sem saída”.

Após a exposição de todo retrocesso ocorrido nesses 500 anos pós-More e de toda turbulência social causada por esse retrocesso, Bauman alerta que os indivíduos, por sua condição cosmopolitana, buscam por medidas paliativas para resolver os problemas sociais, que tratam o indivíduo e não a sociedade – como os remédios psíquicos, por exemplo – que camuflam os problemas em vez de erradicá-los. Nesse contexto, ele faz as seguintes interrogações: “Como chegamos até aqui?” E como administrar todos esses problemas cruciais à condição humana? A resposta para primeira pergunta deve-se à fragmentação social e o individualismo cada vez mais presente, ao distanciamento entre poder e política, e ao fortalecimento cada vez maior da ideia do “nós x eles”. Com relação à segunda, é preciso compreender que há um distanciamento entre o que é necessário e o que se pode fazer, entre o que é importante para a sociedade e o que importa para quem toma a decisão. Nesse sentido, o principal desafio é integrar o que se encontra fragmentado.

Surge então outro questionamento: Seria possível integrar uma “humanidade cosmopolitana”? Para Bauman, inspirado por um discurso do Papa Francisco, a possibilidade mais viável para que isso aconteça, seria a instauração da cultura do diálogo e do encontro, cultura essa que seja trabalhada nas escolas, a fim de ensinar nossos jovens a resolver problemas de uma maneira diferente de como está posto, a respeitar a diversidade do “eles”, considerando esses não mais como rivais. Isso depende de toda sociedade e não é tarefa fácil. Bauman assim conclui: “estamos diante da perspectiva de nos darmos as mãos ou de rumar para as nossas valas comuns” (p. 155).

Elaborado com uma linguagem acessível, *Retrotopia*, último livro de Zygmunt Bauman, é, sem dúvida, mais uma das obras que merecem reflexão em torno de nosso modelo de sociedade. Recorrendo menos à noção de liquidez, sem se afastar completamente dela, o autor trabalha com a ideia de buscar na solidez do passado, componentes que embasem a projeção de um novo futuro, não mais fadado ao fracasso e livre da máxima tribal. Utilizando-se de paradoxos, Bauman faz uma retrospectiva

histórica, ao passo em que apresenta as decepções de um futuro idealizado que fracassou. Durante esse percurso, Bauman apresenta situações cruciais à condição humana, que precisam ser corrigidas para uma vida plena em sociedade. A utopia não morreu, ela só precisa ser resgatada, e alguns dos caminhos para isso são apresentados em Retrotopia.

Recebido em: 02 de maio de 2018.

Aprovado em: 08 de junho de 2018.